

O PROJETO LITERÁRIO DE AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT E SEU DIÁLOGO COM A TRADIÇÃO BÍBLICA EM BABILÔNIA¹

Amanda de Andrade Briano²

RESUMO: O presente ensaio tem por objetivo recuperar a produção lírica do poeta Augusto Frederico Schmidt, trazendo à luz um poeta há muito esquecido pela crítica brasileira. Em específico, propõe-se o estudo do livro **Babilônia**, tanto no contexto do projeto literário do autor, quanto em seu diálogo com a tradição bíblica. O estudo consiste na leitura de sua obra e a indicação da sua fortuna crítica, considerando-se fundamentos sobre poesia e sobre a obra do autor em questão. Em **Babilônia**, vê-se claramente a manifestação das principais características da produção poética de Schmidt, que aponta um claro diálogo com o livro bíblico do profeta Ezequiel, Antigo Testamento, cuja temática aborda o exílio do povo judeu na Babilônia, sob domínio do então rei, Nabucodonosor. Em seu poema, Schmidt se debruça sobre as questões espirituais contrastadas através da figura do profeta, explorando, assim, os temas e procedimentos estéticos aplicados ao longo de toda sua produção lírica.

PALAVRAS-CHAVE: Augusto Frederico Schmidt. **Babilônia**. Tradição Bíblica.

RESUMEN: El presente ensayo tiene como objetivo recuperar la producción lírica del poeta Augusto Frederico Schmidt, trayendo a la luz a un poeta há mucho olvidado por la crítica brasileña. En particular, se propone estudiar el libro **Babilônia**, tanto en el contexto del proyecto literario del autor, como en su diálogo con la tradición bíblica. El estudio consiste en la lectura de su obra e indicación de su fortuna crítica, considerando los fundamentos sobre poesía y la obra del autor en cuestión. En **Babilonia**, se puede ver claramente la manifestación de las principales características de la producción poética de Schmidt, que apunta a un claro diálogo con el libro bíblico del profeta Ezequiel, Antigo Testamento, cuyo tema aborda el exilio del pueblo judío en Babilonia, bajo del dominio del entonces rey, Nabucodonosor. En su poema, Schmidt se centra sobre las cuestiones espirituales contrastadas a través de la figura del profeta, explorando así los temas y procedimientos estéticos aplicados a lo largo de toda su producción lírica.

PALABRAS CLAVE: Augusto Frederico Schmidt. **Babilônia**. Tradición Bíblica.

¹ Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licencianda em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação do Prof. Antony Cardoso Bezerra. Março/2021.

² Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: amandaabriano@gmail.com.

1 Introdução

Ao pensarmos em literatura brasileira é comum surgirem nomes como Machado de Assis, Clarice Lispector, Monteiro Lobato e outros autores consagrados. No entanto, o foco deste estudo é um poeta há muito esquecido, mas que trouxe imensuráveis contribuições para a literatura do país. Também conhecido como “o gordo”, Augusto Frederico Schmidt escreveu em prosa e verso e deixou sua marca no movimento modernista do Brasil.

Este trabalho recupera a sua produção poética e apresenta as tendências e características formais da sua poética, baseando-se nos estudos críticos de Tolman (1976), Santos (2007) e outros teóricos acerca do tema. Por meio da análise do poema **Babilônia**, cuja dimensão e riqueza temática contempla todo o projeto literário do poeta ao longo da sua obra, percebe-se a relação deste com a tradição religiosa cristã figurada no livro de Ezequiel, Antigo Testamento. Nesse sentido, traçam-se os principais pontos deste diálogo. O estudo está dividido nas seguintes seções: 1. Introdução; 2. O perfil de Augusto Frederico Schmidt, na qual se aborda a biografia do poeta e seu percurso na lírica; 2.1. Principais Temas e Procedimentos Estéticos, onde serão explanados os elementos formais e as principais tendências temáticas de Schmidt. 3. O poema **Babilônia** e seu diálogo com a tradição bíblica, cujo foco é perceber a aproximação entre o poema e o texto bíblico através da intertextualidade com o livro bíblico do profeta Ezequiel, do Antigo Testamento. E, por fim, na seção 4: fazem-se as considerações finais, na qual será exposto os resultados da análise e do estudo em questão.

2 Perfil de Augusto Frederico Schmidt

Augusto Frederico Schmidt (n. 1906; f. 1965) é um expressivo poeta brasileiro que, apesar de pouco conhecido na atualidade, produziu uma vasta obra; não somente em verso, como também em prosa. Schmidt publicou dezessete livros de poemas, entre 1928 e 1964. Sua vida foi marcada pela inconstância. Desde a infância, mudou-se muito devido à doença de sua mãe e a condição política mundial, no contexto da Primeira Grande Guerra. Ficou órfão ainda na adolescência. Tais fatos deixaram muitas marcas no que seria o homem e poeta Schmidt. Em seu ensaio sobre o autor, Juliana Santos (2007) afirma que

Os próprios amigos de Augusto Frederico ficavam perplexos diante de sua personalidade ambígua, complexa em que conviviam o homem de negócios, da vida prática e o homem de um lirismo inesgotável, que transformava incansavelmente a sua sensibilidade em poemas [...].

De fato, Augusto Frederico Schmidt possui uma biografia plena de situações, e em tudo que fez teve êxito e destaque — tanto na vida prática quanto na de poeta. Em um estudo sobre Schmidt, Artur Eduardo Benevides afirma que “A predileção de Schmidt pelos grandes temas é algo que jamais o abandonou e constitui um dos aspectos mais interessantes de sua obra, toda ela calcada em fontes líricas inextinguíveis.” (BENEVIDES, 1983, p. 12.)

O poeta sempre esteve à margem dos escritores de sua época, muitas vezes rechaçado por não tratar de temáticas nacionalistas, como a realidade social, cultura e economia, bastante explorados na segunda geração do Modernismo. Schmidt buscou unir a tradição ao moderno e não recebeu reconhecimento merecido por tal feito. “Os opositores não entendiam que a poesia schmidtiana seria sempre marcada pelo lirismo e pelos temas metafísicos, independentemente de qualquer moda ou corrente ideológica.” (MEY & ALVIM, 2005, p. 113). São inegáveis as suas contribuições para a

literatura do país, não somente por sua poesia, mas também lançando através de sua editora figuras como Vinícius de Moraes, Jorge Amado, Lúcio Cardoso e Graciliano Ramos, entre outros.

2.1. Principais temas e procedimentos estéticos

Ao se ler um poema de Schmidt ou até mesmo um texto seu em prosa, é imediata a constatação de que há algo que leva o leitor a sentir seu impacto; seja qual for a emoção, ela está presente. Schmidt é conhecido pelo uso de temas metafísicos e transcendentais, num mundo que privilegiava o Modernismo voltado para a valorização do Brasil, o ápice do nacionalismo. Tal característica levou o poeta a ser rechaçado em meio aos escritores modernistas, tendo sido tachado de neorromântico, pela constante subjetividade dos seus poemas. Sobre esse fenômeno, Tolman (1976, p. 19) afirma que:

Há outros problemas quanto à caracterização da obra de Schmidt como romântico. Mesmo se se aceita a tese de que a técnica e não a sensibilidade separa os românticos modernos dos românticos históricos, a falta de controle técnico de Schmidt não é suficiente para classifica-lo desse modo, já que essa deficiência é mais evidente na sua poesia inicial, e pode ser atribuída a sua imaturidade.

Ainda sobre o perfil literário de Schmidt, Santos (2007, p. 19) aponta que “Augusto Frederico Schmidt é visto como figura central dessa nova geração literária que rompe com o ideário dos modernistas de 22, pois propõe uma nova poesia, que reflita sobre as questões íntimas e universais do espírito.” Apesar disso, é escassa a repercussão da poética de Schmidt, com muitas críticas direcionadas a ele, fato que o fez ser um poeta pouco valorizado e até os dias de hoje pouco estudado, ainda que sua obra seja inegavelmente valiosa.

Uma forte tendência de Schmidt em sua poética é o uso de episódios, expressões e temas bíblicos, como veremos adiante na análise do poema **Babilônia**. Sobre isso, Santos (2007, p. 3) afirma: “Podemos destacar ainda, no plano formal, o uso de expressões e episódios bíblicos [...]”. Ainda sobre esse aspecto, Jon. M. Tolman afirma que

Schmidt se relaciona com os outros através de dois complexos temáticos **bíblicos**, o do messianismo e do filho pródigo. [...] o messianismo, que começou em *Pássaro Cego*, é ligeiramente retomado em *Estrela Solitária* e *Fonte Invisível*, e surge como o tema maior de *Babilônia*, onde se exaure. (TOLMAN, 1976, p. 171.)

Tanto no quadro temático quanto no estrutural, o poeta apresenta uma aproximação com o texto bíblico. O ritmo, as repetições, a própria diagramação. A exemplo disso, o poema “Ladainha do Mar”, de 1951, que tanto em sua estrutura quanto na repetição sonora se aproxima da ladainha religiosa, que segundo a definição do dicionário Novo Aurélio trata-se de uma “Oração formada por uma série de invocações curtas e respostas repetidas.” (NOVO AURÉLIO, 1999, p. 1177). Popularmente, a ladainha é conhecida como curtas invocações a Deus, a Jesus Cristo, à Virgem, aos santos, recitadas pelos fieis. Abaixo, segue um trecho do referido poema

Salve Rosa,
Flor das solidões,
Salve Mãe
Dos tristes,
Dos desesperados,
Dos que tem medo,
Dos que não confiam,
Dos que tem frio [...] (SCHMIDT, 1951, p. 439.)

A poesia de Schmidt, ao longo de sua trajetória, manteve sempre temas pouco nacionais e mais universais — parecia haver um claro desinteresse dele em retratar em seus poemas temas do cotidiano do povo brasileiro e um desejo de manter o lirismo presente nos seus textos, tal como um profundo diálogo com o metafísico.

[...] podemos destacar ainda o uso que ele (Schmidt) faz em seus poemas de muitas expressões do discurso católico como “mansas ovelhas do Senhor”, “Cruz de Cristo”, “intercede por nós”, entre outras; o procedimento de retratar, em alguns poemas, episódios bíblicos como a morte e a ressurreição de Jesus ou a história do filho pródigo; a invocação à Deus ou ao Senhor em grande parte de sua obra lírica; além da construção de um ritmo declamatório, profético. (SANTOS, 2007, p. 4.)

Em sua poética, utilizou as imagens-símbolos mais preconizadas na lírica ocidental: a noite, o mar, o pássaro, os elementos naturais. Tal postura pode ser vista também no livro **Pássaro Cego**, publicado em 1930, no poema “Profecia”:

Como o pássaro triste que anuncia a tempestade [...]

A tempestade vem crescendo de longe

Ao contato mais longínquo, do vento, eu vibro também [...]

O sol deixará de brilhar, generoso e magnífico.

Os gemidos apenas ressoarão dentro da noite.

O mar rugirá com violência medonha. (SCHMIDT, 1930, p. 98-99).

Essas imagens-símbolos comparecem também no poema “Solidão” presente no livro *Os Reis*, publicado em 1953.

O emblema do silêncio é um pássaro

Que olha o vago sem ver.

Está pousado num penhasco –
É o pássaro do silêncio.

As águas do mar sobem às vezes
Até a sua solidão [...] (SCHMIDT, 1953, p. 471.)

São muitos os episódios em que o autor manifesta tais elementos em sua obra, assim como o tom extremamente confessional dos seus poemas. Qualquer estudo que acompanhe toda produção lírica do autor poderá constatar o que aqui foi exposto, Schmidt jamais se desviou de seu estilo e temas, ainda que tenha recebido desde o início da sua carreira críticas pontuais, o poeta manteve suas preferências estéticas e temáticas.

3. O Poema Babilônia e Seu diálogo com a Tradição Bíblica

Antes da análise do poema, acreditamos ser apropriado sustentar um conceito de poesia, dada a natureza do nosso *corpus*. Para tanto, consideramos definições dos próprios poetas, que se mostram mais amplas. De acordo com o poeta francês Lamartine, citado por Luciano M. D. Cavalcanti, poesia

é a encarnação do que o homem tem de mais íntimo no seu coração e de mais divino em seu pensamento, do que a natureza visível tem de mais magnífico nas imagens e mais melodioso nos sons! É a um tempo sentimento e sensação, espírito e matéria; eis porque é a língua completa, a língua por excelência, que o homem capta pela humanidade inteira, ideia para o espírito, sentimento para a alma, imagem para a imaginação e música para o ouvido. (LAMARTINE *apud* CAVALCANTI, 2014.)

É importante perceber que Lamartine aponta para elementos que são recorrentes nas definições existentes do poema: imagens e sons. Já o poeta Nuno Júdice a concebe da seguinte forma:

A poesia é, talvez, essa parte de irracional, esse «lance de dados» de Mallarmé por trás do qual há a emoção, o sentimento, o desejo, todos esses elementos da alma que escapam à razão e ao previsível, de que o resultado é esse «clarão, e logo a noite» de que fala Baudelaire. O poema dá-nos essa impressão única desses «punti luminosi» que, no fim da vida, quando o interrogavam sobre o que era a poesia, Ezra Pound via através da sombra e das trevas do seu passado. (JÚDICE, 2005, p. 185.)

Para Schmidt, não era diferente. Sua poesia é carregada de um sentimentalismo e espiritualidade indiscutíveis, muitas vezes sendo difícil separar o poeta do poema. É no livro **Babilônia**, escrito em 1959, que podemos perceber a sua evolução poética e a aplicação dos seus principais temas. Como afirma Tolman (1976, p. 109), “Representa a convergência dos complexos temáticos, tais como o do pródigo, o que caracteriza sua poesia madura.”

Babilônia consiste numa sequência de sonetos compondo um só poema, que narra a história de um profeta perdido e atormentado pelas incertezas e tentações da vida, mantendo os temas universais característicos da poética de Augusto Frederico Schmidt. O próprio autor afirma, em entrevista à **Revista da Semana**, que o poema “É uma obra barroca, com muita abundância, mas ao mesmo tempo contida numa forma que, posso dizer, é a mais disciplinada e clássica que obtive até hoje.” (SCHMIDT, 1958, p. 41). Em **Babilônia**, Schmidt mostra uma surpreendente organização composicional, diferente dos seus livros anteriores, que são escritos quase que como um despejar de palavras — dada a sua naturalidade —, e a própria escolha do soneto corrobora tal conclusão.

A narrativa trazida pelo poema **Babilônia** apresenta uma série de personagens, dos quais podemos destacar a figura do profeta Ezequiel, Simoneta (noiva do profeta), Elfrangor (o demônio) e Nebíola (a dançarina). O próprio título do poema já aponta uma referência à história do profeta Ezequiel

do Antigo Testamento, que foi exilado na Babilônia junto aos judeus sob domínio do rei tirano, Nabucodonosor. O profeta bíblico recebe de Deus a missão de advertir os povos sobre suas vidas em pecado e interceder pela conversão do povo. Tem ainda a missão de manter viva a fé do povo de Israel e Judá, cativos na Babilônia, de que Jerusalém seria reconstruída.

A pressuposição a partir de que analisamos o poema é aquela de Antonio Candido, para quem, “Num texto literário, há essencialmente um aspecto que é *tradução* de sentido e outro que é tradução do seu conteúdo humano, da mensagem através da qual um escritor se exprime, exprimindo uma visão do mundo e do homem.” (CANDIDO, 1996, p. 17). É com base nessa perspectiva que ilustramos o que Schmidt expressa no texto poético.

Os estudos exegéticos sobre o livro do profeta Ezequiel são bastante escassos, apesar de apresentar uma narrativa de simples compreensão: o chamado do profeta, sua missão de advertir o povo dos castigos do Senhor e posteriormente manter viva a fé de que o povo exilado na Babilônia teria seu tempo reconstruído. John B. Taylor, em seu livro **Ezequiel**: introdução e comentário, afirma que

Desde o capítulo 1 até 24, a mensagem de Ezequiel é de destruição e denuncia: é uma atalaia colocada para advertir o povo de que esta é a consequência inevitável dos pecados da nação. Mas desde o capítulo 33 ao 48, embora ainda se considere uma atalaia com uma mensagem de retribuição e de responsabilidade individuais, seu tom é de encorajamento e de restauração. (TAYLOR, 1984, p. 15.)

Quanto à estruturação do livro, está dividido da seguinte forma, em ordem cronológica, de acordo com as etapas da sua missão profética: queda de Jerusalém (1-24); oráculos contra as nações (25-32); pós queda de Jerusalém (33-48). O chamado profético de Ezequiel inicia justamente com a queda de Jerusalém, ao contemplar uma visão divina da glória do trono do Senhor. Posteriormente, o profeta segue com os avisos ao povo para que cessem com

a vida de profanações, apresentando uma série de profecias de condenações e, por fim, as profecias de restauração de Jerusalém e esperança para o povo exilado. Dessa forma, é possível acompanhar com clareza toda a trajetória do profeta. John B. Taylor aponta ainda que

O retrato do caráter e da personalidade de Ezequiel parece consistente por todo o livro; há a mesma sinceridade, a mesma excentricidade, o mesmo apego sacerdotal ao simbolismo, a mesma preocupação fastidiosa com detalhes, o mesmo senso da majestade e da transcendência de Deus. (TAYLOR, 1984, p. 16).

Assim também é o poema **Babilônia** — essencialmente simbólico e com uma clara afirmação da glória de Deus, de sua majestade, como podemos perceber nos trechos seguintes

Ó meu Deus de Israel! – exclama doido
Corta-me logo as ligações com o tempo
E aquieta no Teu seio o meu tormento. (SCHMIDT, 1995, p. 558.)

*“Meu Deus e Senhor meu, quando teu templo
De novo se erguerá na Terra Santa
Cuja ausência me punge e fere tanto?”* (SCHMIDT, 1995, p. 586.)

É possível perceber também a referência do poema ao livro de Ezequiel ao usar a expressão “Terra Santa”, que diz respeito a Jerusalém, tal como a promessa feita por Deus a Ezequiel de erguer um novo templo, uma nova Jerusalém.

No livro de Ezequiel, o autor inicia da seguinte forma: “No trigésimo ano, o quinto da deportação do rei Jeconias, no dia cinco do quarto mês, encontrando-me entre os deportados, às margens do rio Cobar, abriram-se os céus e contemplei uma visão divina” (Ez 1,1). No capítulo LXXXV do poema **Babilônia**, de Schmidt, encontramos um trecho que apresenta um claro diálogo

com o já citado acima, retirado da Bíblia. “E foi no ano trinta, no mês quatro, no quinto dia, estando eu por entre os cativos, perto do rio kebar, quando de repente, a palavra de Jeová me foi dirigida” (SCHMIDT, 1995, p. 585). O primeiro exemplo trata do momento em que Deus anuncia a Ezequiel sua missão profética através de uma visão divina de sua glória, como constatado pelo próprio comentário do capítulo

Visão de Ezequiel. A teofania tem visão cósmica: “abriram-se os céus”, que contrasta com a localização precisa. Uma tempestade avança vertiginosa, e nela se destaca imagens que o profeta descreve por aproximações. Predomina o visual, não se ouvem trovões; e, mais que as formas, destaca-se o fulgor, o esplendor, a luz. E a “glória do Senhor”; o sacerdote Ezequiel a reconhece e adora. (A BÍBLIA, 2017, p.1734.)

O mesmo episódio é narrado por Schmidt em seu poema, ao usar do recurso de diálogo para resgatar tal momento. O momento é trazido pelo poeta como uma espécie de reminiscência.

No poema **Babilônia**, é possível encontrar diversas referências textuais ao livro de Ezequiel, mas o diálogo entre Schmidt e a tradição bíblica não está presente somente na textualidade em si, como também no projeto temático do poema, que apresenta a narrativa de um profeta exilado e perdido, colocando-se como o novo Ezequiel de uma Babilônia moderna.

Riam-se do seu aspecto desvairado
Os donzéis e guerreiros, não sabendo
Que *novo Ezequiel* se apresentava.

Era dura a missão, mas o profeta
No corpo ia encontrando forças novas
E no escudo de Deus, ânimo forte. (SCHMIDT, 1995, p. 559.)

Tal qual o profeta Ezequiel, que foi provado em sua fidelidade a Deus e resiste, o “novo Ezequiel” de Schmidt também recebe o fardo da missão e o acolhe. Um ponto importante é o fato de o poema apresentar uma “nova Babilônia”; ou seja, trata-se de um mesmo episódio em diferentes momentos históricos. A nova Babilônia pode ser entendida como a cidade moderna, como o próprio Schmidt afirmou em entrevista (cf. SCHMIDT, 1958, p. 42), ter se inspirado na cidade de Nova Iorque para composição do poema.

E batia no rosto sete vezes

Na rua começava a nevar. [...]

Telefonava à procura da casa

Do profeta. – Onde estará Ezequiel nesta hora? (SCHMIDT, 1995, p. 522).

Um dia estando só num bar, bebendo

E entregue ao se cismar de solitário [...] (SCHMIDT, 1995, p. 559).

Nos trechos, fica clara a presença de elementos contemporâneos como o telefone e a rua a nevar, o bar. Jon M. Tolman afirma que “A Babilônia do profeta é uma Babilônia moderna, o que se depreende após a leitura do livro. Há numerosas insinuações de que a cidade de Schmidt é contemporânea.” (TOLMAN, 1976, p. 100). O profeta novo em busca do antigo Ezequiel também é muito recorrente no poema, como uma espécie de apelo. Há, no soneto LXXIX, a narração do encontro do Ezequiel, profeta do Antigo Testamento, como o novo profeta de Babilônia

Ezequiel, vagaroso, foi entrando
No quarto em que o Profeta residia
E vendo-o adormecido fundamente,
Sentiu piedade dele e pôs-se a olhá-lo

Sem querer perturba-lhe o ameno sono...
Viera para dizer-lhe graves coisas,
Transmitir-lhe o saber veterano
E na dura missão trazer-lhe alento.
[...]

Que pobre transmissor da Voz Paterna!
E Ezequiel, o *terceiro dos profetas*,
Olhava o pobre velho adormecido... (SCHMIDT, 1995, p. 582.)

É possível aferir, no momento do encontro, uma espécie de identificação por parte de Ezequiel pelo novo profeta de **Babilônia**, predominantemente o sentimento de compaixão, já que o Novo Profeta parece cada vez mais perdido em sua missão. A expressão “Viera para dizer-lhe graves coisas/Transmitir-lhe o saber veterano” aponta para toda a experiência vivida pelo Ezequiel do Antigo Testamento em sua missão dada por Deus de transmitir sua mensagem ao povo de Jerusalém. Ainda no verso “E Ezequiel, o terceiro dos profetas” confirma a referência ao Antigo Testamento, pois o livro de Ezequiel antecede o dos profetas Isaías e Jeremias.

Os excertos aqui analisados não dão conta da vastidão do poema **Babilônia** e todos os seus episódios de convergência com o texto bíblico; mais especificamente, o livro de Ezequiel. Contudo, nos dão uma inegável amostra da existência dessa relação dialógica, tanto nos aspectos textuais quanto nos temáticos. Neles, está presente a relação entre o poema de Schmidt e o livro bíblico, tal como está em toda a poética schmidtiana a presença do sagrado, do místico, do sobrenatural. Como afirma Juliana Santos (2007), “Schmidt parece procurar na dimensão da linguagem, da palavra poética um contato com o plano divino, e fazer ressoar, em alguns momentos, em sua voz a Voz Dele, a Voz de Deus.”

4. Considerações Finais

Com base na análise empreendida, é possível concluir uma clara relação entre o poema **Babilônia** e o livro de Ezequiel, trazendo a luz um diálogo entre a poética de Schmidt e a tradição bíblica que perpassa toda a sua obra e se faz presente insistentemente. Para além disso, também já mencionado, Schmidt aborda em seu poema uma “nova Babilônia”, ou seja, reflete sobre os tempos atuais e os pecados desta era, em paralelo à Babilônia do Antigo Testamento,

inserindo elementos contemporâneos como apontado pela crítica da época “O poema de Schmidt é todo assim, uma espécie de saga bíblica, onde o tom sagrado, por assim dizer profético, encontra uma acústica necessária: a desta formidável Babilônia; tão marcada dos vícios cosmopolitas, cidade acesa e cruel que o vício dobra; está escancarada Nova Iorque, arcabouço do Tempo e agonia do mundo.” (DIÁRIO, 1959, p. 6.). O próprio Augusto Frederico confirma tais conclusões ao falar sobre o poema em entrevista à **Revista da Semana**, em 1958:

E "Babilônia", o livro que Schmidt começou a escrever há alguns meses em New York, vai tomando corpo, pouco a pouco. Será uma série de sonetos compondo um só poema, que narrará a luta do Profeta Ezequiel com suas próprias fraquezas, sobretudo contra a sedução das mulheres. Mas não será apenas isso: representará também em termos de Poesia, o conflito entre a Necessidade de Deus, que habitava a alma do Profeta, e a Ausência Divina "que caracteriza nossa era", afirma Schmidt.

Levando-se em consideração esses aspectos, a doutrina cristã sempre esteve presente na poética de Schmidt, não só em **Babilônia**, mas ao longo de todas as suas obras. A ideia de morte e redenção, de pecado e perdão, de uma vida após a morte, presença e ausência de Deus e demais questões religiosas sempre foram abordadas, muitas vezes como fantasmas assombrando a mente do poeta e fazendo-o duvidar de tudo.

Referências

A BÍBLIA. **Vocação de Ezequiel**. Tradução de Ivo Storniolo. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2017. 2433 p. Velho Testamento e Novo Testamento.

BENEVIDES, E. Artur. **Augusto Frederico Schmidt**. São Paulo, 1983. Disponível em: < http://www.academiacearensedeletras.org.br/revista/15_Colecao_Diversos/Modernismo_80_anos/ACL_Modernismo_80_Anos_04_Augusto_Frederico_Schmidt_artur_eduardo_benevides.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2021.

CANDIDO, Antonio. **O Estudo Analítico do Poema**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1996.

CANTOS Babilônicos. *Diário Carioca*: 1959, p. 6. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/093092/per093092_1959_09475.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2021.

CAVALCANTI, L.M.D. Poesia, o que é e para quê serve? **Recorte**, São Paulo, v.11, n. ° 1, janeiro-junho de 2014.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

JÚDICE, Nuno. A Poesia no Real. **Gragoatá**, 2005. Disponível em: <<https://silو.tips/download/a-poesia-no-real-nuno-judice-gragoata>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

MEY, Letícia; ALVIM, Euda. **Quem Contará as Pequenas Histórias**: uma biografia romanceada de Augusto Frederico Schmidt. São Paulo: Globo, 2005.

REVISTA da Semana. Rio de Janeiro, 1958. N° 5. Disponível em: < http://memoria.bn.br/pdf/025909/per025909_1958_00005.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2021.

SANTOS, Juliana. Augusto Frederico Schmidt e sua Poética da Morte. **Nau**

Literária, Porto Alegre, v. 3, n. 2 – jul/dez 2007. Disponível em: < <https://core.ac.uk/download/pdf/303963234.pdf>>. Acesso em 18 dez. 2020.

_____. A Poesia-Prece de Augusto Frederico Schmidt. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, v. 2, n. 35, dezembro de 2007. Disponível em: < <https://core.ac.uk/download/pdf/303963234.pdf>>. Acesso em 19 dez. 2021.

_____. **Vinícius de Moraes e a Poesia Metafísica**. Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10918/000602870.pdf?sequence=1>>. Acesso em 22 dez. 2020.

SCHMIDT, Augusto Frederico. **Poesia Completa**: 1928-1965. Introdução de Gilberto Mendonça Teles. Rio de Janeiro: Topbooks; Faculdade da Cidade, 1995.

TAYLOR, John B. **Ezequiel**: introdução e comentário. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

TOLMAN, Jon M. **Augusto Frederico Schmidt**: estudo crítico. Tradução de Laís Corrêa de Araújo. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1976.